

O Banco de Portugal exerce uma autêntica "chantage" sobre o Estado

Um "film" lento e enervante — O silêncio em volta das declarações de Marang — "Eu sou ladrão, tu és ladrão..." — A sociedade burguesa é uma sociedade de "inocências" — Os Bancos e o Estado — O Ultramarino, à sombra dos políticos que subvenciona, falsifica dinheiro impunemente

O film do Angola e Metrópole continua desenrolando-se com enervante e fatigante lentidão, continuando a usar-se a tática de emburhar e desembrulhar constantemente esta complicadíssima questão. Karl Marang, a contos com a policia holandesa, contos que lhe liquidará com relativa facilidade, formulou acusações precisas, acusações tremendas que as agências telegráficas se abstiveram de comunicar... É possível que, a pesar do mistério em que são envolvidas essas declarações, elas venham a ser conhecidas, talvez que os leitores deste jornal não encontrem nelas grandes surpresas por já termos dito tudo—tudo o que é essencial ao esclarecimento desta burla, da burla que uma sociedade putrefacta cometeu contra si mesma.

Estamos agora assistindo a uma comédia habilíssima desempenhada superiormente por António Maria da Silva e executada, com servilismo, pelo juiz Alves Ferreira, que lhe obedece com a mesma passividade com que noutro tempo obedeceu a João Franco. A tática consiste em dar à opinião pública uma satisfação a fim de, depois, se lhe atirar violentamente com os pratos à cara. Essa satisfação consistiu na prisão decorativa do político devorista Nuno Simões, *brasseur d'affaires* alta e sólidamente sustentado pelo partido democrático, para convencer os que se deslumbram com meras aparências de que a justiça burguesa é tão imparcial nas suas sanções que até atinge um ex-ministro do Comércio que fez, à custa da política, uma fortuna. Essa e outras prisões de personalidades de relevo são maneiras seguríssimas de aliviar mais tarde, visto que o *truc* sabidíssimo das sindicâncias não pode aqui ser aplicado. Somente não houve maneira de prender Camacho (Inocência) porque a rua dos Capelistas fez pressão e encostou-se a ele, que a tem deixado encostar-se ao Estado, por intermédio dessa casa de estampagem de notas ilegais que é o Banco de Portugal. É o próprio "Inocência" fez também pressão recordando que vários ministros das finanças se conluíram com ele para cometer várias falcatruas.

O caso do Banco de Portugal repousa numa autêntica *chantage* que nos recorda uma anedota atribuída a Bonaparte. Conta-se que Napoleão acusou um dia Massena, um dos seus melhores generais, de ladrão e de facto ele metia nos bolsos indeviavelmente grandes quantias. Massena não se perturbou e, voltando-se para Napoleão e para os que o rodeavam, retorquiu-lhes serenamente: "Eu sou ladrão, tu és ladrão, ele é ladrão, nós somos ladrões..." e assim continuou até à terceira pessoa do plural. Todos embaticaram—porque era verdade e Massena não foi castigado. É o caso de

Camacho: ele também diria, voltando-se para os que o mandaram prender: eu sou "inocência", tu és "inocência", ele é "inocência" nós somos... E são!

É por o serem que o film dos *escrocs* Alves dos Reis e José Bandeira agora subalternizados continua desenrolando-se com uma lentidão fatigante e enervante... A sociedade burguesa é actualmente uma sociedade de "inocências". Supor-se que os "inocências" se condenam uns aos outros seria aceitar a ideia absurda de que a sociedade burguesa se suicidaria voluntariamente.

O Estado, o orçamento do Estado, tem sido uma lanta bôda onde comem, onde se enfiaram os apaniguados do partido democrático e algumas vestais do nacionalismo. E como as notasinhas autênticas, as legais, não chegam para os esbanjamentos de todos os comilhões, foram-se estampando outras no Banco de Portugal com a infatigável complacência de Inocência que sabia que estava estampando a sua fortuna pessoal. E é porisso que Inocência andará à solta e serão proclamados inocentes todos os "inocências" presos para *sir* Waterlow e a opinião pública verem...

Novamente o repetimos: a nossa campanha não se restringe ao Angola e Metrópole, abrange toda a sociedade burguesa, abrange todas as instituições e colectividades que oprimem e exploram o proletariado. Queremos demonstrar ao proletariado, demonstrar com factos, a lama de que são feitos os seus dirigentes e os seus exploradores, para que ele se aperceba do jugo imoral a que está sujeito e dos crimes de que é diáritamente vítima.

O Estado foi assaltado por bandos insaciáveis que, por molo d'ele, devoram toda a actividade produtora do povo. Se fôssemos a examinar o seu orçamento depararíamos com verbas colossais destinadas à manutenção dum exército inútil onde sobejam oficiais que nada têm que fazer, depararíamos com uma escola de guerra e com uma escola naval fabricando incessantemente novos oficiais que para nada servem; com uma chusma de almirantes que comandam esquadras que nunca existiram e uma chusma ainda maior de comandantes de barcos que nunca existiram; e guardariamos, como há tempos nestas colunas o revelámos, com a eloquência indestrutível dos números, que as verbas maiores do orçamento são empregadas em coisas inúteis, são criminosamente esbanjadas. Se fôssemos a publicar a lista de sinecuras que séries de escândalos não desfiaríamos; se fôssemos a publicar a lista de funcionários que são comerciantes, a lista de funcionários que são ao mesmo tempo directores de grandes

companhias, diríamos grandes verdades e diríamos também aquilo que o leitor já adivinha.

O que tem sido a política se não de enriquecer autênticos falhados, médicos sem doentes, advogados sem clientes e engenheiros incapazes de explicar o funcionamento dum autoclismo de *water closet*? Não falamos já na protecção aos grandes monopólios, porque essa é conhecida e notória. Há outros monopólios e daí o partido democrático ser um partido de homens de negócios, em que se destaca o opulentíssimo industrial portuense Manuel Pinto de Azevedo, enriquecido à custa dos favores do Estado que é como quem diz o partido democrático; o peixe é um autêntico monopólio, dada a proibição da descarga dos barcos estrangeiros que contribui, como se provou, para o embaratecimento daquele produto alimentício; o pão ainda continua sendo um monopólio e a Moagem uma realidade perigosíssima para os nossos estômagos e os nossos bolsos.

Em todos os grandes negócios, e os pequenos negócios deles dependem estreitamente, estão envolvidos políticos, políticos que enriquecem com as percentagens que obtêm à custa de favores ruinosos que a sua influência consegue do Estado. Os Bancos, a maioria dos Bancos que para aí pululam, não têm existência própria. Vivem encostados ao Banco de Portugal que os sustenta à custa do Estado. No dia em que o Banco de Portugal lhes retirasse o auxílio feito com o dinheiro do Estado, eles desabavam como castelos construídos na areia movediça das praças. Mas o Banco de Portugal não fará semelhante coisa, porque alguns dos seus directores estão pessoalmente interessados na existência desses Bancos e por outro lado os políticos que estão à frente dessas empresas não deixariam de fazer valer a sua influência...

O Angola e Metrópole é uma autêntica ladroeria. Mas ninguém das esferas da política ousa atacar esse Banco fraudulento e falido que é o Ultramarino; esse Banco de autênticos burlões que se recusa a aceitar as próprias notas que emitiu, roubando assim todos os que se encontram em África, principalmente os operários que foram escandalosamente roubados e estão inibidos de enviar dinheiro para suas famílias. Naquele covil de falsificadores e de trapaceiros ninguém toca. Ninguém toca porque ele sustenta uma caterva de políticos como Afonso Costa, Velhinho Correia, Agatão Lança e Cunha Leal...

EM NOME DA INTERNACIONAL DA SCISÃO

Os governos burgueses nunca conseguiram nas suas furiosas perseguições à classe operária mais do que prender militantes, encerrar sindicatos e provocar com essas violências o exaspero das classes trabalhadoras. Essas perseguições foram sempre duma grande inutilidade: os militantes presos acabavam por ser postos em liberdade, os sindicatos encerrados, a certa altura, reabriam e a organização operária tornava-se mais forte, duplicando os seus efectivos e aumentando consideravelmente a sua capacidade de acção. A união que existia entre todos os sindicatos cimentava-se ainda mais pela solidariedade estreita a que as perseguições governamentais obrigavam. Todos estavam de acordo no combate a dar à burguesia, todos defendiam o princípio da acção directa e reconheciam a luta de classes, como realidade objectiva. A organização operária afirmava-se, diante de todas as violências, de todos os crimes, indestrutível. A ideia ficava intacta e, em torno dela, as classes oprimidas lançavam-se corajosamente em todas as batalhas travadas entre o capital e o trabalho. Surge a Internacional de Moscú, filha da Internacional Comunista, formada com os sindicatos russos, meros instrumentos passivos do governo russo, querendo destruir o espírito libertário, impondo, por meio das votações proporcionais em que o número esmaga a consciência e em que um país se impõe a todos, as ideias ditatoriais dos dirigentes soviéticos. Em nome da revolução imediata—fogote de efeitos eleitorais—quis-se impor um despotismo político, quis-se russificar os métodos e as táticas do operariado de todo o mundo jugulando-o aos partidos comunistas orientados pelo opressivo cérebro moscovita. Estas pretensões iníquas, este atentado contra a luta de classes, contra a liberdade da classe operária, deu o esfalecimento das hostes revolucionárias e a breve trecho a Internacional de Moscú transformou-se na Internacional da Scisão. Como era possível, aqui, em Portugal que a organização operária obedecesse às sugestões dum partido comunista quase inexistente e aceitasse a situação como Monmousseau sintetizou nesta frase "a organização operária é o exército da revolução, mas o partido comunista é o seu estado maior"? Houve, porém, quem pensasse o contrário e a Internacional de Moscú pode hoje vangloriar-se que conseguiu mais do que a repressão burguesa. Existe já uma scisão na organização operária!

Temos, diante de nós, o quinquenário moscovita que se fundou para alimentar a scisão e destruir, consequentemente, a unidade operária. É o defensor acérrimo dessa con-

Como pensam os vários Vanderveles da social democracia internacional

Segundo nota dos jornais, o chefe do partido social-democrático belga que, como ministro dos estrangeiros, faz parte de um governo social-católico—declarou, discursando em Charleroi a propósito do bolxismo e das colónias, preferir o domínio da burguesia ao domínio bolxista.

Esta declaração, é tanto mais interessante quanto é certo ela parte de um membro categorizado cujo parentesco doutrinal e marxista com os ditadores russos é duma evidência flagrante.

Esta mesma perentória declaração, assim tão claramente "onda-artesanal" pelos rádios internacionais, é também um lema escúpio no estandarte geral de toda a política social-democrática do mundo, não só contra o sistema moscovitário, mas principalmente contra toda a tentativa revolucionária que contenha matéria imponderável capaz de fazer agonizar o Capitalismo.

O socialismo, fórmula vanderveldiana, constitui assim uma espécie de "máscara" colocada ao rosto da Burguesia, para a preservar dos fluidos asfixiantes que a possam intoxicar. É nisto que concerne toda a esdrúxula potencialidade da social-democracia à Vandervelde, D'Aragnan, Brun ou Largo Caballero...

Nas finas objurgatórias socialistas, exteriorizadas solenemente pelos chefes, só se nota um espalhado de estilismo programático, obedecendo a uma partitura política experimental, cuja música está de antemão ensaiada e a contento das situações adquiridas.

Se as censuras ao regime capitalista parissense do ámago do eu intelectual e do coração, como o fruto brota do interior da semente lançada à terra—em vez duma fluência florilégica cuidadosamente tocada ao cristal das superficialidades dandinescas, outra seria, certamente, a acção revolucionária dos socialistas.

Não acontece assim por duas razões principais: primeira, porque a maldita praga de um funcionalismo roedor café, inexoravelmente, sobre os partidos sociais-democráticos, absorvendo-lhes toda a acção a direcção; segunda, porque os chefes do socialismo ocupam, na maioria dos casos, lugares choradamente estupidíssimos nas melhores repartições do Estado—o que equivale a dizer: da confiança da burguesia. E já não falamos nas inquisições admiráveis que o cooperativismo "social" oferece, galhardamente, a uma aluvião de orientadores marxistas.

Nestas condições, qualquer impulso das massas proletárias tendente a apressar a marcha da Revolução, é firmemente contrariado pelo aburguesamento dos partidos sociais-democráticos, pela excelente instalação social-económica dos chefes enriquecidos. Estes preferem que os "seus" sindicatos reformistas comemorem os seus aniversários com pedidos de prendas aos patrões e com uma sessão de baile ou desafio de bilhar—do que gravem, a sangue, estas datas com uma acção revolucionária de reivindicações...

Se os partidos socialistas têm à sua frente altos funcionários do Estado, como acontece mesmo em Portugal; considerados ministros, como na Bélgica; comissários de polícia, como na Suíça; conselheiros de Estado, como na Espanha; por vezes governos como na Alemanha; se os seus melhores jornalistas se espargem pelas redacções dos jornais burgueses numa colaboração íntima contra as organizações operárias de tendências mais revolucionárias e libertárias; se eles se fazem representar em colectividades capitalistas de carácter internacional, como o espantinho da Sociedade das Nações—por interesse podem ter estes partícipados, ou por outra: os seus chefes, em precipitarem as multidões no caminho da franca rebelião contra a Burguesia e contra o Estado?

Uma tal atitude revolucionária implicaria o comprometimento das suas situações gran-

UM EPISÓDIO DUMA EPOPEIA

Chegaram ontem a Lisboa 9 vítimas da prepotência imbecil dos magnates e do alto comissário de Lourenço Marques

Chegaram ontem, conforme havíamos anunciado, a bordo do vapor "Lourenço Marques", os ferroviários deportados pelo alto comissário Azevedo Coutinho, por motivo da greve ferroviária de Lourenço Marques cujos emocionantes episódios em precedentes artigos *A Batalha* descreveu.

Logo de manhã, de vários pontos da cidade o operariado interessado em ir esperar os seus camaradas, vítimas duma prepotência ignóbil, para lhes significar a sua simpatia e solidariedade, nos assediou perguntando-nos pelo telefone a hora da chegada do "Lourenço Marques". Da direcção da Companhia Nacional de Navegação haviam-nos informado que o barco acostaria das 14 às 16 horas.

Grande número de operários abandonaram de tarde as suas ocupações e encaminharam-se para os caes de desembarque, parte para os caes da Areia e grande número para o caes do Cimento onde, pelos informes dados pela empresa, o barco devia atracar. Às 14 horas, já este último caes regorgitava de operários, de entre os quais alguns partiram a avisar os seus camaradas que nos outros caes se encontravam de que ali deveriam concentrar-se. Só às 16 horas o "Lourenço Marques" apareceu ao largo, encostado à margem sul do Cimento. Antes mesmo do barco atracar circulei o boato de que os ferroviários deportados já não se encontravam a bordo por terem sido tirados por um rebocador da polícia marítima que à sede desta polícia, no Terreiro do Paço, os havia conduzido. Da parte das centenas de operários que os aguardavam houve um movimento de decepção e muitos foram os que se dirigiram em busca dos camaradas que lhes furtavam a uma manifestação carinhosa.

Pouco tempo, porém, os deportados permaneceram no posto da polícia marítima, pois dali os conduziram imediatamente, acompanhados de um agente, ao governo civil. A sua estada ali foi rápida. Levados ao gabinete da polícia de segurança do estado, foi-lhes tomada a identidade, após o que os mandaram em liberdade, sob condição de voltarem a apresentar-se hoje, às 13 horas.

Os ferroviários deportados de Lourenço Marques são em número de 10; porém, a Lisboa só chegaram os 9 seguintes: Fernando Figueiredo, Constantino de Matos, João Baptista de Sousa Amorim, Julio de Sousa e Silva, António Vitorino de Oliveira, José Maria Pacheco, António Simões Galvão, Alfredo Augusto Ferreira e Luis Zeferino. O outro ferroviário que não chegou a Lisboa desembarcou na ilha da Madeira por ter lá família e chama-se Francisco Fernandes.

Alguns desses nossos camaradas têm bem vindos nos rostos as agruras de que têm sido vítimas.

Arrancados bruscamente ao convívio de suas famílias vêm desprovidos de roupas e outros recursos. Libertados da polícia, dirigiram-se, acompanhados de grande número dos operários que os tinham ido aguardar ao desembarque, à sede da C. G. T.

Uma entrevista ligeira com um dos deportados

A- pesar da fadiga de que vinham possuídos, não resistimos a sacrificar por uns momentos um desses camaradas a-fim-de, para satisfação duma curiosidade em nós nutrida e por certo sentida pelos vossos leitores colhemos alguns pormenores sobre as modalidades do conflito que originou esta tão iníqua represália das autoridades de Moçambique.

Qual a atitude da população?

De simpatia e solidariedade com o nosso movimento. Têm-se aberto muitas quetes e alguns lares foram seguro abrigo para os nossos filhos. A Construção Civil mon tou uma cooperativa para nos auxiliar, tendo recebido muitos donativos em géneros e até um lavrador lhe ofereceu uma grade de gado, tendo outros também oferecido algumas cabeças.

Lembrando-nos de que nos tinham informado de que entre os deportados vinha o

Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria

O que disse a BATALHA sobre os seus objectivos um velho militante da classe

Os empregados menores do comércio e indústria acabam de remodelar os estatutos do seu organismo sindical, dotando-o de capacidade suficiente a poder agregar todos os empregados do comércio sem distinção de ramo ou de categoria. Para que os nossos leitores possam fazer uma ideia nítida dos objectivos dos referidos estatutos, ouvimos do camarada António Rodrigues Pereira, presidente da direcção do Sindicato dos Empregados do Comércio e Indústria—designação por que ficará sendo conhecido aquele organismo—as declarações que vão ler-se:

—A ideia da reforma dos nossos estatutos não é recente. Há muito tempo que pensávamos nessa reforma, pois de há muito tempo se reconhecia a conveniência de ao nosso organismo ser dada maior latitude na sua acção.

—Não houve já uma tentativa de fusão de todos os sindicatos de empregados no comércio?

—De facto em tempos pensou-se nessa fusão. Mais: realizaram-se alguns trabalhos nesse sentido, mas dificuldades de várias ordens inutilizaram todos os esforços.

—Todavia, apesar de insucesso, se amanhã surgir o mesmo propósito, animado de boas intenções, não temos dúvidas em dar a nossa colaboração.

—De modo que a reforma dos estatutos...

—Sim, a reforma dos estatutos teve como ponto de partida a improficuidade de esforços no sentido da criação dum único organismo de empregados no comércio e indústria o facto das associações dos caixeiros e dos empregados de escritório se terem desconhecido.

—Essa reforma corresponderá aos vossos desejos?

—Contamos que sim. No novo organismo devem ingressar todos os camaradas que estão arredados, alguns por falta dum

organismo que esteja ligado ao resto da organização sindical. Desses números fazem parte alguns elementos com larga prática do movimento sindicalista.

Discreetando sobre a nova estrutura do organismo em referência o nosso interlocutor informa-nos do seguinte:

—Pela nova estrutura passam a ter ingresso nos sindicatos todos os empregados no comércio sem distinção de ramo ou categoria, acabando-se com esse preconceito estúpido que separa o guarda-livros do servente do escritório e do caixeiro com o moço de armazém. A realização deste objectivo é uma das maiores razões da nossa existência.

—E os seus objectivos?

—Proceder ao estudo das condições económicas e morais de cada especialidade, que na nossa classe são bastantes, criando-se secções que podem muito independentemente reunir sempre que lhes aprouver, podendo ainda estas secções subdividirem-se em núcleos por ramos.

—Como será recebida pelos empregados no comércio a remodelação do vosso organismo?

—Contamos com bastantes simpatias na nossa classe e temos esperança que ele dentro em breve seja um baluarte de respeito, dada a inscrição que vai aumentando animadamente, desde que fizemos a remodelação dos estatutos. E tão depressa estes sejam aprovados pelo governo, realizar-se há a assembleia geral para eleger os novos corpos gerentes, que sobre seus ombros vão tomar a enorme responsabilidade de pôr em execução o novo estatuto.

A fechar a entrevista:

—A nossa sede actual é muito modesta e está instalada provisoriamente no largo de São Domingos, 11-J, 2.º um gabinete cedido pela Associação dos Chauffeurs, mas, se a classe nos ajudar, contamos em breve arranjar uma casa própria.

NA HUNGRIA

Os falsificadores de notas preparavam uma ditadura fascista chefiada pelo arquiduque Albrecht

Como lhes faltasse dinheiro para a propaganda criminosa, em que tem andado ultimamente empenhada, a corja fascista da Hungria tratou de o obter, pondo em circulação notas falsas de 1.000 forintos.

Os facistas húngaros tinham já planeado para o dia de Natal último um movimento tendo por fim colocar no trono o arquiduque Albrecht, e instaurar uma ditadura fascista, mas por qualquer motivo adiaram esse movimento.

Parce impossível que num país onde tem dominado o feroz reaccionário Horthy, ainda se queiram fazer movimentos com este carácter, porém é preciso ter em conta que na Hungria existem dois grupos reaccionários rivais, aspirando ambos a tomar conta do poder.

Dum lado, estão os magnates, os grandes senhores feudais e aristocratas, defensores da velha dinastia dos Habsburgos, e do outro, os oficiais fascistas, apoiados pelos pequenos proprietários, e defensores do arquiduque Albrecht.

Como o país está já revoltado contra os métodos de violência sangüinária destes últimos tempos, a velha aristocracia voltou a ter de novo a sua antiga influência sobre a população, contrariando assim as aspirações dos senhores do arquiduque Albrecht.

Por este motivo, e além disso vendo aproximar-se da maioridade o filho mais velho do último imperador Habsburg, resolveram eles então preparar um golpe decisivo, coroando o arquiduque Albrecht rei e impedindo deste modo a restauração da dinastia dos Habsburgos.

E como não tivessem dinheiro suficiente para a execução da sua obra, trataram de descobrir a melhor maneira de o arranjar sem muito incómodo.

Esta tática, para eles, tinha entre outras vantagens a de tornar mais difícil, pela desvalorização da moeda, a vida das classes trabalhadoras, contribuindo assim para que elas se deixassem explorar e oprimir por eles com mais facilidade.

SÃO LUIZ

O trabalho que todos os artistas têm na MOÇA DE CAMPANILHAS é digno de registo, porque todos eles deram ao conjunto um grande brilho, mas justo é destacar Gremilda de Oliveira, que nela tem magnífica interpretação.

UM BRINDE INTERESSANTE

A casa J. Narciso, Lda, agente em Portugal da casa Tambrosini & Colomer, fabricante de tecidos, ofereceu-nos um curioso brinde: um calendário gravado numa pequena folha de alumínio. Agradecemos melhorados a gentileza da oferta.

APOLO

O cartaz continua a acusar o admirável drama A TABERNA. O público aplaude-a sempre, distinguindo no seu aprego o ilustre Alves da Cunha, que ali tem uma formidável criação.

Caixa de Auxílio aos Operários da Fábrica H. Parry & Sons, Ltd.

LISBOA, DOCAE E GINJAL

1.ª e última convocação

AVISO

Por ordem do Ex.º Sr. Presidente da mesa da Assembleia Geral e a mesma convocada a reunir extraordinariamente na próxima quarta-feira, 20, pelas 17 horas e meia no edifício da fábrica em Lisboa.

ORDEN DOS TRABALHOS

Proceder a um inquérito sobre as contas apresentadas pelos corpos gerentes transaccões, no acto do termo da posse.

Pede-se a comparecência de todos os sócios visto o assunto a tratar ser de uma alta importância.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1926. — O 1.º secretário, José Silva de Sousa.

HOJE - Teatro de São Carlos - HOJE

A interessante e espi-rituosa comédia

OS HOMENS DE HOJE

Nos principais papéis: Lucília Simões, Eriço Braga e Samuel Dinis

A BATALHA

TEATRO MARIA VITÓRIA

DUAS SESSÕES AS 8 1/2 E 10 1/2

HOJE E SEMPRE O ÊXITO DO DIA

FOOT-BALL

Entusiasmo delirante do público

OS GRANDES SUCESSOS DA ACTUALIDADE

AS ROSAS

Por LINA DEMOEL
acompanhada
por todo o público

OS DOIS GAROTOS

Por HORTENSE LUZ
CARMINDA PEREIRA

O JORCA

Formidável sátira política por SANTOS CARVALHO

ADMIRÁVEIS PAPEIS POR

Carlos Leal e Alfredo Ruas

O compadre Buscapé por Alberto Ghira

ENCHENTES DIÁRIAS — Geral 4\$00

Licenças de porta aberta e casas de hóspedes

Tendo terminado o prazo (dia 15 do corrente) para a reforma das licenças anuais de casas de hóspedes, e verificando a respectiva repartição que muitos donos das referidas casas ainda não reformaram as suas licenças, a fiscalização vai começar por autoar quem não possua a licença.

Na policia administrativa não poderão ser visados os livros do registo de hóspedes sem a apresentação da licença passada pela 3.ª repartição e que diz respeito ao corrente ano. As licenças de porta aberta até às 9 horas para restaurantes, casas de pasto, tabernas, quiosques, botecoques, leitarias, cervejarias, cafés e semelhantes já também terminou o prazo da reforma, sendo a multa a aplicar aos transgressores dez vezes mais a importância do selo fiscal.

São prevenidos os comerciantes que vendam nos seus estabelecimentos águas minero-medicinais de que a falta da respectiva licença implica também autuação, sendo a multa a impor dez vezes a importância do selo fiscal da licença.

Coliseu dos Recreios

A'S 21 HORAS

2.ª apresentação dos notabilíssimos palhaços

RICO & ALEX

cujas estreias foi ontem coroada por um grande triunfo

O maior domador do mundo

IVANOF

no seu emocionante trabalho com possantes leões selvagens

Todas as atracções e novidades da

Nova Companhia de Circo

Quem achou?

Eduardo Cardante, carroceiro, morador na quinta da França, em Barcarena, pede a pessoa que no sábado achou a sua carteira com 400\$00 e uma matrícula da sua profissão a favor de lha enviar para a morada acima indicada. Os referidos documentos foram perdidos na praça da Ribeira-Nova.

ABASTECIMENTO DE PEIXE

O deputado Sousa Carvalho, o administrador do concelho de Setúbal e um representante dos industriais de conservas de peixe daquela cidade, estiveram ontem na sede do extinto Comissariado dos Abastecimentos, conferenciando com o major Sá da Costa, acerca das condições económicas que aquela indústria está atravessando por virtude de lutar com grandes dificuldades no abastecimento de peixe às suas fábricas, cuja laboração se encontra ameaçada por esse facto, e consequentemente a situação das numerosas classes trabalhadoras que vivem da indústria das conservas.

O sr. Sá da Costa prometeu à comissão promover as providências que se tornem necessárias e como a gravidade do assunto requiera.

TIVOLI

Telefone N. 5474

Programa extraordinário

A'S 8 3/4

Caçando feras em Africa

Documentário em cinco partes

As caçadas do célebre explorador

SNOW

Não há neste «film» o menor «trac» cinematográfico

A'S 9,30

O Milagre dos Lobos

O maior espectáculo francês—Exibido na Grande

Opera. Realização de Raymond Bernard

Partitura especial de

HENRI RABAUD

Uma revista mundial

A sala tem aquecimento

CRISE DE TRABALHO

Pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses

A comissão do pessoal das oficinas da Parceria, acompanhada dum delegado do sindicato, entrevistou ontem o chefe de gabinete do ministro do Comércio e procura-ria hoje avisar-se com aquele titular a fim de tratar da situação dos licenciados.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

O delegado deste organismo, juntamente com uma comissão de operários sem trabalho, procurou ontem o chefe de gabinete do ministério do Comércio para saberem o resultado das reclamações que entregaram sobre a crise de trabalho na indústria e da verba para as obras do Estado, assim como da paralisação dos trabalhos da muralha do Seixal à Arrentela e o pagamento das duas quinzenas aos respectivos operários.

Aquele senhor disse que, com respeito aos trabalhos do Seixal, já o ministério tinha dado andamento e tanto assim que esperavam que da Direcção Hidráulica viessem os seus trabalhos para o respectivo ministério poder dar o seu despacho, acrescentando que sobre as restantes reclamações o ministro iria tratar delas o mais breve possível, mandando ir a comissão por toda esta semana saber a resposta.

A comissão continua hoje as suas demarcações sobre o assunto.

Ourivesaria e Joalheria

SANTOS CATITA, L.DA

R. Eugénio dos Santos, 44

Grande sortido de objectos de ouro e prata e relógios das melhores marcas. Compram e pagam ao melhor preço ouro e prata para derreter.

Ocorrências diversas

Aos quartos particulares do hospital de São José, recolheu António Policarpo, Matos, de 31 anos, proprietário, natural e residente na Ribeira, freguesia de Dois Portos, concelho de Torres Vedras, o qual ali, por questões de mulheres, foi agredido com uma canetada nas costas.

Na enfermaria de Santo António do hospital de São José, deu entrada José David, de 24 anos, natural de Messajana, guarda da policia civil n.º 2.242, que caiu pela escada da residência, estrada de Sacavém, E, 13, 2.º, direito, ficando ferido no rosto e fracturando a clavícula direita.

Recolheu à Sala de Observações António Correia Raimundo, de 11 anos, filho de José Raimundo e de Maria da Conceição Correia, natural e residente na Roliça (Bombaral), que ali deu uma queda fracturando uma perna.

Depois de pensado no posto da Cruz Vermelha, deu entrada na Sala de Observações Mariano dos Santos, de 38 anos, trabalhador, natural e residente na Trafaria, e que na fábrica de dinamite, na Trafaria, foi colhido por um ferro, ficando de veras contuso nas costas e pelo corpo.

GINNASIO

O público continua prestando inteira justiça ao belo trabalho que Gil Ferreira tem na interessante farsa TIA ANDREZA.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No São Luís

«A moça de Campanilhas», opereta de Pablo Luna, letra de António Paso e Gonzalez del Toro, tradução de Acácio Antunes e Xavier de Magalhães

A empresa do São Luís continua a caprichar em fazer a representação no seu palco de peças de teatro musicado com um desempenho merecedor das melhores palavras de acatamento. O repertório espanhol tem-lhe provocado o maior carinho e, assim, depois da «Montaria», da «Canção do Olvido» e dos «Gaviões», acaba de nos proporcionar o ensejo de admirarmos mais uma vez o espírito brilhante de compositor de Pablo Luna, dos maiores entre os autores de opereta espanhola e grande, certamente, em qualquer país por muito adiantada que seja a sua civilização musical.

Pablo Luna se entregasse os seus cuidados de músico exclusivamente à ópera seria um nome de alta consideração, como o é já na opereta, Pablo Luna veio realizar nas suas obras a aproximação do género vienense com o carácter nacional da música do seu país. Quer dizer: serviu-se dos moldes modernos e do sistema de compor a eles ligados, e buscando na feição especial do lirismo musical da sua terra os motivos de mais realce, achou a conjugação de sons, de melodias e concertantes, que pudessem dar justamente a classificação de música de opereta ao que produz com tanta inspiração e beleza.

«A moça de Campanilhas» é um exemplar completo do seu formoso estilo musical. Os três actos descendem de melodias agradáveis que tomam a cor do meio em que vivem. Repare-se que o ambiente do ar livre no primeiro acto imprime à música um carácter diverso do 2.º. E, quando a música se orienta num sentido mais pastoril, é porque se trata de qualquer pensamento evocativo do meio em que a acção é iniciada.

Dividem-se as opiniões sobre a inspiração do compositor no 1.º e 2.º actos, tendo cada um deles os seus favoritos. Não pode ser assim. O carácter da música é diferente em cada um deles e precisamente pelas razões de descriptivo que apontamos.

Pode-se mesmo dizer que nenhum dos actos é melhor do que os outros. Para nós os números mais interessantes são o passodoble, o dueto dos namorados, no 1.º acto, e o dueto do boneco no 2.º.

A opereta «A moça de Campanilhas» não podia encontrar melhor desempenho do que encontrou da parte da companhia do São Luís. Repare-se a Crenilda de Oliveira e fe-lo com a vivacidade própria do papel. Esteve sempre muito à vontade.

Maria Pires Marinho, cantora de óptimos recursos, foi em toda a peça dum bela precisão de timbre, vencendo as dificuldades maiores da partitura. Almeida Cruz foi um tenor sã, equilibrado, cantando com sentimento, mas também com segurança.

Na parte mais puramente declamativa não podemos deixar de salientar Teresa Gomes, que dia a dia conquista inteligentemente as plateas. É uma actriz que representa.

Ver o seu nome num cartaz é já de per si uma excelente garantia para o espectador. Alvaro de Almeida criou também um tipo curioso de cómico de que não descobrimos par no nosso teatro.

Alvaro Pereira e Mari-Laura com bastante correcção. Os outros artistas bem, sem favor.

A encenação de Augusto Soares e António Gomes de bom gosto. Simples mas agradável de cor a indumentária. Bonitos os cenários, sendo muito típico o do 3.º acto de Renda, Serra e Amândio. Proficientemente a direcção musical de Serafim Rada. A tradução de Acácio Antunes e Xavier de Magalhães boa.

Nogueira de BRITO

No Ginnasio

Orquestra Portuguesa

Pratella é um compositor italiano de tendências modernistas, mas a quem seduziu a transplantação de músicas do século XVIII, joelradas e afeições pelo seu estilo de compositor contemporâneo. Uma delas foi uma das primeiras audições do concerto da orquestra que o maestro Fernandes não deu no domingo no Ginnasio.

O músico conservou-lhe o carácter, respectivo a directiva melódica e principalmente guardou o sistema próprio da orquestração. A orquestra deu-lhe todo o colorido, mostrando compreensão.

A 4.ª sinfonia de Brahms é uma obra de grande poder de técnica, mas, que nem sempre agrada e cujo recorte não é dos mais proficiente, nem inspirados. A orquestra, fazendo ouvir esta sinfonia, prestou um bom serviço, pois nos deu a conhecer mais uma página sinfónica do compositor Brahms, mal conhecido e mal compreendido entre nós.

Como números já executados o «Rienzi» (abertura), a «Valsa triste» de Sibelius, a «Tomada de Moscova» de Tchaikowsky e a «Tríana» de Albeniz, todos executados com muita segurança.

A Orquestra Portuguesa está marcando pelo seu valor e o maestro Fão continua com o seu belo programa educativo, esforçando-se sempre por revelar do melhor que, em antigo e moderno, existe na música sinfónica.

Quem percorrer os programas dos concertos Fão terá ocasião de ver quanto a orquestra de Fernandes Fão cumpre a sua missão musical, verdadeiramente conforme com a orientação que lhe traçou desde o princípio o seu estudioso e sábio regente.

Reclames

O 7.º concerto sinfónico do maestro Fernandes Fão realiza-se domingo próximo, às 3 da tarde, no Ginnasio, com um programa que está sendo organizado a capricho e do qual fazem parte várias composições de mestres de fama mundial. Para esse concerto já estão à venda os bilhetes no Ginnasio.

— Alegria e emoção são as duas características de «A Moça de Campanilhas» porque a nova opereta do São Luís alia a uma verdadeira fábrica de gargalhada a mais inspirada e sentida das partituras.

— Com todos os atractivos da primitiva, nas duas sessões, repete-se hoje no Maria Vitória a incomparável revista «Foot-Ball», que não tem rival, pela sua palpitante actualidade de crítica, lindas fantasias, deslumbrante apresentação e primoroso desempenho, formando um conjunto inigualável de atracções.

— A repartição em Lisboa dos inimitáveis clowns Rico e Alex, foi coroada de um êxito que não deixou de se tornar impressionante pela espontaneidade dos aplausos que lhes foram tributados e de que são dignos os cómicos pela apurada e irresistível

O 1.º Congresso Nacional dos Mutilados da Guerra

COIMBRA, 17 de Janeiro. (12 horas.) Uma massa compacta de povo e de autoridades com grande uniforme comprimiu-se nas proximidades da estação, aguardando a chegada dos congressistas, cerca de 200 mutilados e inválidos que chegam no rápido. Um cortejo se organiza. Duas centenas de mutilados e inválidos, vindos de todo o país, põem-se em marcha pelas ruas da cidade.

Procissão de coxos, de manetas e de cegos.

Vimos passar, pelas ruas da cidade, essa legião de vítimas da guerra, de pobres vítimas sacrificadas no altar desse Moloch sangrento: a pátria.

E na trágica mudez dessa legião de estropiados que vimos passar em procissão lúgubre, nós temos um terrível anátema contra a guerra, contra a organização estúpida desta sociedade que lhe dá origem.

Nos lábios silenciosos desses rudes camponeses que os interesses capitalistas arrastaram para o negro matadouro dum grande guerra que não lhes interessava e da qual saíram com as suas forças exauridas, temos nós todo o desprazo por um farrapo vermelho que os patriotas hastelam.

Chegado esse cortejo à Universidade, dispersaram os congressistas.

A's 16 horas principiou a sessão inaugural, com a presidência do general Sá Cardoso, representando o presidente da República, secretariado pelo ministro da Agricultura e reitor da Universidade.

Aberta a sessão, usa da palavra o major sr. Filipe Tribolet, que em nome dos mutilados saúda a assistência.

Falam em seguida os srs.: dr. Augusto Borges de Oliveira, que se espraia num panegirico à guerra; o representante do ministro da marinha que saíra ao Congresso; o comandante da divisão e representante do ministro da guerra; o bispo-conde que exalta a pátria e a chacinia, quando uma e outra são protegidas pelo pendão de Cristo... o senador dr. Henrique de Vilhena, reitor da Universidade e, finalmente, o general Sá Cardoso que encerra a sessão.

Realizou-se hoje a cerimónia da entrega das insígnias de grau do cavaleiro da Torre e Espada à coroação dos Bombeiros Voluntários e que foi conferida pelos serviços prestados por aquele corpo à causa da salvação pública.

O acto que foi muito concorrido, realizou-se na praça da República, pelas 14 horas, tendo feito a entrega das insígnias o general Sá Cardoso, que representava o governo.

A cerimónia assistiram representantes de diversas associações de classe, de recreio, musicistas, Câmara Municipal, unidades militares e deputações de bombeiros de diversas terras do país.

A tarde realizou-se uma sessão solene na sala da Associação dos Bombeiros Voluntários.—C.

TEATRO GINNASIO

Telef. C. 2814

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

HOJE

do pouteis, mesmo sem isso, favorece

UM ARTIGO PARA MEDITAR

A acção das organizações operárias deve desenvolver-se segundo as necessidades económicas dos trabalhadores e estranha a todas as opiniões e a todos os ideais

Tem-se dito na imprensa anarquista de língua espanhola: Malatesta, invocando a unidade de classe, diverge de Rocker, que quer uma finalidade anarquista para o movimento operário. Não é a primeira vez que me são atribuídas ideias que não tenho; portanto, quem deseja conhecer as minhas opiniões que atente unicamente naquilo que escrevo e digo sobre o assunto.

Primeiramente, afirmo que pensar como Rocker, e não como Malatesta, se as coisas fossem como andam apresentadas. Mas os pensamentos de Rocker são semelhantes aos pensamentos de Malatesta. Entendamos, pois: um movimento operário com finalidade anarquista é muito diferente de um movimento operário anarquista.

O primeiro é, naturalmente, o anelo de todos nós, visto que toda a nossa actividade deve ter o triunfo da anarquia como finalidade, principalmente, quando a nossa actividade se desenvolve no movimento operário, de tão grande importância na luta pela elevação e emancipação humanas.

Por outro lado, o segundo é um movimento operário que sirva, não só à propagação e à possível realização da anarquia, como a tornar-se declaradamente anarquista. Este movimento é ainda um facto impossível, porventura, coisa contrária aos fins que queremos imprimir à luta operária.

Para mim, essencial e primordial se torna o triunfo do anarquismo, que beneficia todos os seres humanos, muito mais do que a unidade de classe.

O movimento operário apenas deve orientar-se em necessidades económicas dos trabalhadores

No movimento operário vejo apenas um recurso para elevar o nível moral dos trabalhadores, para habituá-los à livre iniciativa e à solidariedade na luta em suma, para torná-los capazes de conceber, desejar e realizar as aspirações anarquistas.

Assim, a diferença que entre nós poderá existir não se encontrará na finalidade, mas na tática que cada um de nós julgue mais própria para se conseguir a vitória dos nossos ideais. Há quem creia que os anarquistas devem procurar reunir em associações exclusivas de trabalhadores anarquistas ou dos que tenham, pelo menos, algumas simpatias pelo anarquismo.

Eu desejaria que todos os assalariados se reunissem numa só organização, quaisquer que fossem as suas opiniões sociais, políticas ou religiosas, unidos solidariamente na luta contra o patronato, e que os anarquistas ficassem confundidos na massa para inocular nela as suas ideias e estimulá-las com o seu exemplo.

Podem produzir-se circunstâncias especiais de homens, de ambiente ou de momento histórico, que aconselhem ou tornem inevitável uma divisão na massa trabalhadora, em fracções que correspondam a diferentes concepções político-sociais. Mas, em linhas gerais, parece-me ser necessário prover à união, porque a fraternidade e a acostuma à solidariedade todos os trabalhadores, indistintamente, tornando-os mais fortes nas contingências da luta cotidiana e preparando-os melhor para a concórdia necessária no dia seguinte ao da vitória final.

Certamente, a união que propugnamos não deverá significar a supressão da livre iniciativa, nem uniformidade obrigatória, nem indisciplina imposta; isso oporia ao nosso movimento de libertação um zelo que apparia a sua chama. Significa apenas a nossa adesão ao movimento unitário, adesão que poderá defender a liberdade dentro da união. A não ser assim, a união far-se-ia por mesma forma, porque a união é condição de força, mas em prejuízo da liberdade.

O movimento operário não é uma criação artificial de ideólogos, para propulsar e actuar de acordo com um programa político-social, seja ou não anarquista, e cujas alternativas e acção o façam seguir pelas linhas traçadas. O movimento operário surge naturalmente do desejo e das necessidades imediatas que têm os trabalhadores de melhorar as suas condições de vida e, em último lugar, de impedir que tais condições piores.

Pelo que fica dito, pois, deve viver no ambiente actual e desenvolver por si a tendência, limitando as suas aspirações às possibilidades momentâneas.

Os homens de ideias só devem imprimir influência ao movimento operário

Pode acontecer—e com frequência acontece—que os iniciadores de agrupamentos operários sejam homens de ideias, cuja tendência seja radical na ordem das transformações sociais, e que se aproveitem das necessidades e do anelo sentidos pelos trabalhadores para os conduzirem na órbita dos seus ideais.

Estes homens reúnem à sua volta companheiros de igual tempera, homens que entendem seu dever bater-se pelos semelhantes, ainda que com dano próprio. Nestas condições, formam associações operárias que na realidade mais não são que grupos políticos ou revolucionários, para os quais as questões de salário, de horas de trabalho e condições de trabalho, apenas são encaras secundariamente, servindo de pretexto para activar a propagação das próprias ideias e preparar forças para uma acção decisiva.

Contudo, à medida que aumentava o número de aderentes, os interesses imediatos adquiriam maior força; as aspirações revolucionárias transformavam-se em obstáculos e perigo. E os homens "práticos", conservadores ou reformistas, sempre dispostos a todas as transigências e acomodamentos, contrastam com os idealistas e intransigentes. Então, a organização operária torna-se no que necessariamente deve ser dentro do regime capitalista: um recurso, não para negar ou suprimir o patronato, mas para impor um limite às pretensões dos patrões.

Assim tem sempre sucedido e nunca deixará de suceder, porque a massa operária, antes de possuir a inteligência e a força in-

dispensáveis à transformação do organismo social desde os fundamentos, sente apenas o anseio de modestas melhorias e a necessidade de um órgão que defenda os seus interesses imediatos, a vida real contemporânea, enquanto se prepara a vida ideal do futuro.

Quando o grupo operário, por influência de massa, revela na sua organização unicamente necessidades económicas, tece de ser uma força revolucionária e se transforma em instrumento de equilíbrio entre o capital e o trabalho, ou, por acaso, em factor de conservação da sociedade capitalista, que devem fazer os anarquistas?

Apresentar-se, porventura, esta hipótese, há camadas que declaram necessária a retirada e a seguinte constituição de organizações de minorias. Porém, eu entendo que isso significa uma condenação à pena de se começar sempre, porque a nova organização, se não ficar em simples grupo de afinidade, que nada representa na luta operária, recitará outra vez a "parábola" do abandono da organização.

E, então, ressentimentos e rancores entre os trabalhadores isolarão o melhor das suas forças na concorrência com a organização maioritária, enquanto que, por espírito de solidariedade operária, não favorecer o jogo patronal e por interesse próprio, eles irão praticamente arrimar-se à maioria, reconhecendo a direcção dos chefes desta última.

O verdadeiro e único papel dos anarquistas nas organizações dos trabalhadores

Uma organização operária que se dissesse anarquista e fosse continuada tal como era, composta de anarquistas convencidos, poderia ser utilíssima como agrupamento anárquico, em determinadas circunstâncias; mas não seria o movimento operário nem teria as suas finalidades, as quais consistem na luta de grandes massas e, especialmente, para nós, o de criar um vasto campo de propagação para nele se formar novos anarquistas.

Depois de expor estas razões, eu sou de opinião que os anarquistas devem permanecer com dignidade e independência nas organizações operárias, sem transigir, procurando obter dentro delas as maiores vantagens, dispostos a servir-se, nos momentos críticos da história, da influência que tenham conquistado para transformarem rapidamente as organizações de modestas armas de defesa em potentes instrumentos de remodelação.

E isto mesmo se deve fazer com inteligência, sem atirar ao curso das ideias, o que se torna essencial, e ao que tudo mais não deve passar de simples recursos.

Enrico MALATESTA

CONFERÊNCIAS

"Impressões duma viagem à Rússia"

Na Associação de Classe dos Empregados de Escritório realizou ontem o professor Sr. César Porto a sua anunciada conferência sobre impressões duma viagem à Rússia actual.

O conferente, depois de ter narrado como se tinha constituído o grupo de professores de que fez parte e que visitou a Rússia, referiu-se especialmente às duas cidades Moscovo e Leninegrado, relatando as visitas que fez a diversos estabelecimentos do Estado, tais como museus, escolas e casas de repouso, que oferecem interessantes aspectos sobre a vida social da Rússia de hoje. Salientou em seguida o grande desenvolvimento da educação, a preocupação que aos dirigentes russos merece esse problema, e o carinho com que recebem todos os empreendedores pedagógicos.

Depois de narrar alguns episódios que dão uma noção do que é a vida na Rússia, o orador extraiu interessantes conclusões que a numerosa assistência aplaudiu.

"A aviação na vida moderna"

Na próxima quinta-feira, na sede desta colectividade, pelas 21 horas, realiza o major Sr. Sarmiento de Beires uma conferência sobre "A aviação na vida moderna".

Deve ser uma conferência interessante, todos os conhecimentos do ilustre aviador, havendo grande interesse em o ouvir, visto tratar dum assunto da sua especial competência.

"O Integralismo"

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, a segunda conferência da série "Doutrinas político-sociais contemporâneas", sendo conferente o dr. sr. Hipólito Raposo, que dissertará sobre "Integralismo". A entrada é livre.

Agradecimento

A família do menino Américo Viana, operário há dias com feliz êxito pelo ilustre professor dr. sr. Salazar de Sousa, director da enfermaria de Santa Estefânia do hospital do mesmo nome, vem por este meio e mui respeitosamente manifestar aqúello distinto cirurgião, a todo o pessoal daqúella enfermaria e à digníssima fiscal do referido hospital, D. Maria do Rosário Santos Rego, o seu profundo reconhecimento pela forma carinhosa como trataram o enfermo nos dias em que esteve internado naquela casa de saúde.

OS QUE MORREM

Maria do Carmo

Após um prolongado e doloroso sofrimento faleceu ontem a sr. D. Maria do Carmo, companheira do nosso camarada Vítor Tabarra, operário do mobiliário, muito estimado na classe a que pertence. O seu funeral realiza-se hoje, às 15.30 horas, saindo o préstito fúnebre da travessa do Arco da Graça 9, para o cemitério do Alto de São João.

CONFLITO LAMENTAVEL

Uma grande sessão magna onde é escalpizada a acção inconveniente dos corpos gerentes do Sindicato da C. P. contra a Federação Ferroviária

No vasto salão da antiga Caixa Económica Operária, hoje teatro Gil Vicente, realizou-se a grande sessão magna dos ferroviários da C. P. para apreciar o conflito suscitado entre os corpos gerentes do seu Sindicato e a Federação Ferroviária. A sala estava literalmente cheia; presentes muitos militantes operários de várias indústrias e todos os delegados ao Conselho Federal Ferroviário.

A mesa foi constituída, tomando a presidência um delegado da União Ferroviária do Minho e Douro, secretariado um delegado do Sindicato do Sul e Sueste e um representante da comissão executiva da Federação Ferroviária. Do expediente constavam ofícios de apoio à Federação por parte das diversas delegações das linhas da C. P.

A sessão foi declarada aberta às 21 h. Mário Castelhamo da C. E. da Federação, começa por convidar todos quantos quiseram fazer acusações ao organismo federal, que o façam desassombradamente.

O teatro onde se está realizando a sessão, diz o orador, é de tradições gloriosas para a classe da C. P. Nêle tem vibrado a alma dos ferroviários nos momentos das maiores lutas que os mesmos têm sustentado com a Companhia. Infelizmente, neste momento o assunto que vai tratar-se é de divergência entre a classe.

Afirma que a classe ferroviária da C. P. é uma das que mais tem sofrido em virtude da constante opressão exercida pela C. P. Este facto fez nascer na classe vários critérios de orientação não deixando integrar devidamente na vida sindical. Se hoje recebe uma orientação sindical para, pelo seu esforço conquistar a sua emancipação, vê-se de repente envolvida por outra propaganda dos que entendem que se não deve lutar contra a Companhia mas sim estabelecer com ela compromissos se bem que indirectos. Diz que é necessário dizer à classe que não pode haver entendimentos com a Companhia exploradora cujos interesses são antagónicos aos dos trabalhadores.

Nada se consegue assim de positivo, sem haver vítimas, elas têm existido através das gerações, elas terão que continuar a existir para a conquista dum futuro melhor.

E por este motivo, pela disparidade de propagandas, que existe o conflito entre o Sindicato da C. P. e a Federação Ferroviária.

Levanta-se um incidente, entre a assembleia e um grupo de indivíduos que ao fim da sala invectivam o orador, atribuindo-lhe as culpas do conflito. A assistência revoltase indignada.

Após uns dez minutos, Mário Castelhamo consegue reatar as suas considerações, afirmando que a origem do conflito resultou de pretender-se dar à classe uma orientação diferente da que deve ter. A sessão continua agitada. O orador historia que quando a F. F. se dirigiu aos sindicatos para estes se materializarem a sua adesão, os corpos gerentes do Sindicato da C. P. dirigiram-se a todos os sindicatos do país, excepto ao do Sul e Sueste, para que realizassem em Pampilhosa uma reunião a fim de destruírem as resoluções do Congresso, convidando só no fim a comissão executiva da Federação a fazer-se representar, ao que esta respondeu em harmonia que não aceitaria tal convite, visto que o sindicato convocante se sobrepunha ao conselho federal. Depois pretendeu esse sindicato contribuir com uma cota de \$30 quando os restantes pagavam \$70, e até a própria classe da C. P. o estava fazendo, segundo resolução do Congresso. Surteiramente foram à linha para convencer os ferroviários que não se podia pagar a cota de \$70, o que era menos verdadeiro, pois que a situação financeira do sindicato o permitia.

A Federação chegou a contemporizar com as pretensões das dificuldades do Sindicato da C. P. oferecendo-lhe o pagamento o que possessem ficando com o resto em débito. Nas reuniões do Conselho Federal, os sindicatos do Sul e Sueste e Minho e Douro iam contribuindo como podiam, sendo debitados no restante.

O Sindicato da C. P. tinha vida então desafiada.

Relata os esforços empregados pela comissão executiva da Federação no sentido de satisfazer as reclamações de todas as redes ferroviárias.

Durante 9 meses não pôde reunir o Conselho Federal e isso serviu de pretexto para a campanha difamatória por parte dos corpos gerentes da C. P. fazendo sair um manifesto com acusações à comissão executiva. Convidados a esclarecer acusações no Conselho, só enviaram um delegado que nada esclareceu na votação nem discutindo, querendo por fim exigir documentos, o que o Conselho não autorizou nem cedendo e mesmo se ter desinteressado da discussão dos assuntos apresentados. Nada concretizou o referido delegado, pelo que o conselho considerou todas as acusações infundadas. Dada assim a questão como solucionada, o referido delegado afirmou que a sua classe pretendia ser federada e confederada aceitando o mesmo até o cargo de secretário técnico. Todos extranharam que logo em seguida esse delegado, António Sarraçaio apresentasse um relatório cheio de falsidades.

A reunião que em seguida se realizou do Conselho Federal, em princípio de Novembro, para apreciar os factos nenhum delegado do pessoal da C. P. apareceu a dizer da sua justiça.

Em face da desconsideração a Federação, porque é facultativa a estada dos sindicatos no seu seio, convidou o Sindicato da C. P. a definir a sua situação no prazo de 30 dias. Os delegados da C. P. nunca puzeram no Conselho os assuntos da sua classe. O atqúe não foi feito no campo próprio, no Conselho. O Sindicato não respondeu ao ofício que o convidava a definir-se nem disso deram conhecimento à sua classe e continuaram a usar o label federal. Depois os corpos gerentes do Sindicato da C. P. pretendiam à sacupa realizar sessões na linha, onde a Federação informada, compareceu, inutilizando a nefasta obra que aqueles pretendiam realizar contra a mesma.

Pretende-se agora invalidar essas reuniões, mas elas foram convocadas pelo próprio Sindicato. Essa acção rasteira originou um manifesto que a Federação dirigiu aos ferroviários da C. P. a esclarecer-lhes sobre o conflito.

O orador prossegue historiando o que se passou nessas reuniões e em que, como em Gais, procuraram não realizar as sessões que haviam convocado. Elas, porém, realizaram-se e até nenhuma das acusações feitas foi concretizada.

Mário Castelhamo refere-se em seguida ao suplemento do "Ferroviário" que considerava infame pelo ataque desonesto que encerra aos elementos da Federação.

E esta a história do conflito Sindicato C. P.-Federação, durante dois anos. Não acusa mais nem se defende. Aguarda que no tablado, os que têm atacado concretizem acusações e, se se provar a sua nocividade, retirar-se-ão.

A organização operária está presente, ela será juiz desta causa. Se nada se provar continuará a chamar aos detractores simplesmente miseráveis. (Aplaudos).

António Sarraçaio diz que não vai acusar ninguém, vai defender-se.

Mário Castelhamo disse que o Conselho Federal o supôs honesto, mas verificou depois o contrário pelo que deseja uma explicação. Diz que não conhece as falsidades do seu relatório. Se foi só ao Conselho Federal foi por já estarem de relações cortadas.

Se no Conselho não concretizou afirmações foi para não tomar tempo. Aceitou o cargo de secretário técnico, supondo que assim se chegaria a acordo. Diz que lhe negaram os documentos de receita e despesa para observação e rejeitaram uma proposta em que o nomeavam para a comissão revisora de ordem. Diz que nesta questão não há má vontade do Sindicato para com a Federação. Castelhamo illuiu com o seu fraseado os delegados do Conselho Federal.

Serra, do Sul e Sueste, sente que nesta reunião se encontram tantos operários para discutir em questão de divisionismo, despreocupando-se dos assuntos referentes à sua emancipação. Diz que se da parte dos corpos gerentes do sindicato da C. P. houvesse boa vontade e lealdade para com a Federação já a questão estaria solucionada. Confirma tudo quanto disse Mário Castelhamo, lembra os esforços que os ferroviários da C. P. deram à constituição da Federação, e afirma que se não tem sido da boa directriz teriam evitado até mesmo as perseguições de que têm sido vítimas. Para debelar as perseguições bastaria o entendimento com todas as linhas.

Não há homem, classe ou indústria que se baste a si próprio. cita a propósito a acção dos ferroviários ingleses que vão até à coligação com outras classes e outros países para fazerem vingar suas reivindicações.

A propaganda defecista dos corpos gerentes da C. P. é que prejudica a classe. A Federação não encontrou base nas acusações formuladas. Diz-se que a questão não é entre o sindicato C. P. e a Federação. Acredita, porque vê o ódio concentrado contra os que dão todo o seu esforço à organização. Afirma que o relatório de Sarraçaio é falsíssimo. Escalpiza o referido relatório.

Não era delegado ao Conselho mas assistiu como testemunha e viu que o mesmo Conselho repudiou por ser falso o relatório daquele delegado. O Conselho verificou depois que os corpos gerentes da C. P. em vez de enviarem delegados ao Conselho mandavam um ofício.

Se houvesse boa vontade de esclarecer o assunto os corpos gerentes não se escusariam a comparecer; a intenção, porém, era dividir.

O Sindicato do Sul e Sueste, apreciou a questão e resolveu saldar os seus camaradas da C. P. e incitá-los a retomar o seu lugar. Assim fizeram na Federação, votando o envio do ofício para que definissem uma atitude e a que não houve a consideração duma resposta.

Referindo-se às sessões da linha, descreve a especulação que se fez em torno dos delegados da Federação e das outras linhas, sem que nessas reuniões nada se concretizasse. Termina afirmando que os delegados do Sul e Sueste têm interpretado o sentir da sua classe no Conselho e rejeitam na linha, em contrário do que se tem afirmado por parte dos corpos gerentes do sindicato da C. P. Conclue lendo um documento do Sindicato do Sul e Sueste e dizendo que a questão levantada é de lama e à lama não se responde.

Adriano Monteiro tem vontade de fazer passar pelo tablado as vítimas da C. P. para que a assembleia lhes pedisse perdão pelo que se estão passando. Desejaria em vez de ver um libelo acusatório ver fazer-se a unificação de todos os ferroviários. Diz isto em nome dos ferroviários do Minho e Douro, que só contrangidos tiveram que apreciar os actos dos dirigentes do Sindicato da C. P. Desejariam os ferroviários do Minho e Douro que desta reunião saísse a harmonia dos ferroviários da C. P. Afirma que em contrário do que se escreveu e afirmou ele e os seus camaradas são representantes legítimos da sua classe.

Espera que os elementos discordantes que formam ao fundo da sala provem a sua disposição de unificar a classe.

Se se provar que a comissão executiva da Federação tem procedido irregularmente, garante que apoiará a demissão inexorável da referida comissão.

Refere-se a um artigo do jornal *A Tarde* em que se constata que se movem influências da C. P. para uma scisão que pretende fazer-se na organização operária portuguesa.

O seu interesse é que os ferroviários desmintam o articulista de *A Tarde*, a pesar-de que já coisa semelhante se escreveu no órgão da classe da C. P.

Se alguém da C. P. pensa engrossar a corrente scissionista da organização não mereceria a pena gastar mais tempo, nem esconder a questão atrás de Rijo e Castelhamo. Se concorresse para o bem da organização ferroviária o afastamento de alguém desse alguém seria desviado.

Aprecia também o relatório de Sarraçaio, e repudia por afrontosa a insinuação de que Castelhamo com o seu fraseado arrasta o Conselho Federal. Até agora não se sente convencido da falta de correcção dos elementos da Federação acusados. O que a Federação precisa é de mais energia e para isso é indispensável a colaboração de todos.

Sobre a insinuação de que os delegados do Minho e Douro queriam escalfar a Federação, explica que só o facto de a sua

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal

Reune hoje pelas 21 horas para continuação dos trabalhos.

COMUNICAÇÕES

Manipuladores de Pão.—Reuniu esta classe em assembleia magna de propaganda sindical com a presença de dois delegados da Câmara Sindical do Trabalho. Todos os oradores apreciaram o momento crítico que a organização operária atravessa fazendo votos para que todas as classes se organizem fortemente para o combate a dar à burguesia que, encontrando-se na agonia, se prepara para tirar ao operariado todas as regalias conquistadas à custa de tanto esforço.

Foi aprovada uma proposta dando todo o apoio moral e material aos ferroviários de Lourenço Marques e aos seus militantes deportados para a metrópole, vítimas do odio torvo do governador da mesma provincia.

A assembleia também aprovou uma moção de protesto contra a ameaça de Pereira da Rosa ao director de *A Batalha* e uma moção de apoio ao mesmo jornal.

Vendedores de Jornais.—Reuniu ontem em assembleia geral, tendo-se ocupado entre outros assuntos da apreciação do Relatório e contas da direcção e eleição dos novos corpos gerentes que ficaram constituídos da seguinte forma:

Assembleia geral: António da Silva, presidente; Manuel José Quaresma, 1.º secretário; Tomás Maria Valente, 2.º secretário. Direcção: João Faria, Eduardo Vidal, Manuel da Silva, Augusto Soares Damas, José Augusto Tavares, António Maria Rêcio, Américo Ferreira.

Foi também nomeada uma comissão revisora das contas que foram presentes e que ficou constituída por José Augusto Tavares, Manuel José da Cruz e António Maria Rêcio.

Impressores Tipográficos.—Reuniu a direcção que constatou a ausencia do conselho fiscal, resolvendo que as contas estejam patentes no gabinete até ao dia 25 do corrente e que a classe reúna em assembleia, em 2.ª convocação, no próximo dia 17, com a seguinte ordem de trabalhos:

Leitura dos relatórios da direcção, conselho fiscal e delegados aos Congressos Federal e Confederal e eleição da direcção para 1926 e delegados à C. S. T. e F. L. J. e Similares.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação da Construção Civil.—Para se ocupar de um assunto de grande urgência, pelas 20 horas, o Conselho Federal.

S. U. C. C. e Canteiros e Polidores de Mármore.—Pelas 21 horas, a comissão organizadora da Conferência dos Canteiros.

Sociedade dos Pedreiros.—Pelas 20 horas, para dar posse aos novos corpos gerentes, devendo comparecer todos os operários do Novo Manicóquio e Obra da Maternidade.

Sociedade dos Carpinteiros.—Para tomar posse, a nova direcção que foi eleita no passado dia 30, pelas 20 horas.

Sociedade Profissional dos Pintores.—Pelas 20 horas, em assembleia geral, para apresentação das contas do ano transacto e os novos corpos gerentes tomarem posse.

Operários Alfaiates.—Pelas 21 horas,

classe ser confederada e desejar que todos se confederassem surgiu o equívoco. Sarraçaio dá explicações que comprovam as afirmações de Adriano Monteiro.

Referindo-se a um aparte de que a má situação dos ferroviários da C. P. era devida ao do Sul e Sueste, repudia a pé acção e solidariedade de que estes camaradas têm dado provas.

Para terminar censura os dirigentes do Sindicato da C. P. por publicamente fazerem uma campanha miserável contra a forma como se alimentam os militantes ferroviários.

Espera da boa vontade dos ferroviários da C. P. que desmintam a especulação que se faz à volta desta questão no intuito de os levar a tomar parte numa scisão da organização. Sauda todos os ferroviários e aqueles que por eles se têm sacrificado.

Alfredo Pinto, da C. E. lembra as tradições dos ferroviários. A Federação quis ouvir os seus inimigos por isso os chamou à sessão. Provou-se já que a questão não é entre o sindicato C. P. e a Federação, mas sim entre esta e entre os corpos gerentes daquele.

São os mesmos elementos que se ufam de ter dado existência à Federação que agora a expulsaram da sua sede como o faria qualquer vulgar senhorio. Referindo-se às sessões que se realizaram na linha afirma que ao contrário do que têm afirmado os corpos gerentes da C. P. elas têm tido a validade.

Ajude à campanha defecista do órgão *O Ferroviário*.

O conflito tem origem na questão da quota, pois queriam dar 30 centavos em vez de 70 e pergunta se essa diferença de cota tem servido para defesa dos interesses da classe. Não está bem que se dê ao sindicato um carácter mutualista quando há que defender as reivindicações da classe. O dinheiro que está nos cofres sindicais é pertença de todos os ferroviários e foi destinado à Federação.

Nesta altura encontravam-se inscritos muitos oradores, mas um agente de policia preveniu a mesa de que, pelo motivo de ser meia noite, a sessão não poderia prosseguir. Esta foi suspensa por entre aclamações à Federação Ferroviária, para prosseguir na próxima segunda-feira.

SOLIDARIEDADE

Auxílio aos corticeiros em greve

Transporte, 1.470\$45; Alfredo Gaspar, 10\$80; Quete nas oficinas Parry & Sons, 11\$44\$0; José M. Ferreira, 5\$80; Quete entre um grupo de *chauffeurs*, 17\$95\$0; Manipuladores de Pão de Lisboa, 50\$80; Resto de uma quete do Sindicato Mobiliário de Lisboa, 8\$80; Corticeiros de Belem, 90\$80; Do Alfete, (Sindicato Unico da Construção Civil de Almada), 12\$95\$0; Manipuladores de Farinha do Caramujo, 62\$80; Soma 2.112\$95\$.

Estas importâncias foram recebidas na administração de *A Batalha*.

a assembleia geral, para continuação dos trabalhos pendentes.

Pessoal de Câmaras de Navegação de Longo Curso.—Secção dos *Dispenzadores*.—A assembleia geral, pelas 19 horas, para assuntos muito importantes.

S. U. Metalúrgico.—Pelas 17.30, odo o pessoal da casa Vulcano para tomar conhecimento da resposta obtida pela comissão que entrevistou a direcção da Companhia.

Secção de Belem.—Toma hoje posse, pelas 20 horas, a nova comissão administrativa, devendo comparecer à mesma hora a comissão administrativa cessante e a comissão revisora de contas.

Confiteiros, Pasteleiros, Chocolateiros e Anexos.—A assembleia geral, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: Eleição dos corpos gerentes para 1926, apreciação do relatório e contas referentes ao 4.º trimestre e parecer da comissão revisora de contas do 1.º, 2.º e 3.º trimestre do ano findo.

S. U. do Mobiliário.—Pelas 20.30 horas, os corpos gerentes com todos os camaradas que se interessam pelo bem estar da classe para tratar dum assunto referente à crise de trabalho.

Cocheiros de Lisboa.—Assembleia geral, pelas 21 horas, na rua de São Boaventura, 57, 1.º a fim de tratar da grande crise que a classe atravessa e tomar deliberações.

Compositores Tipográficos.—A direcção às 18.30.

Pessoal do Município.—Hoje às 20.30 horas, a assembleia magna, na sede da Secção da Construção Civil do Alto do Pina, R. Barão Sabrosa, 81, com a presença de delegados da comissão administrativa, melhoramentos e de propaganda.

Corticeiros de Belem.—Pelas 18 horas, a assembleia geral, para apreciar o caso da fábrica Camões, da Estrela.

DIAS PROXIMOS:

Refinadores de Açúcar.—Reúne no próximo dia 21, a assembleia geral, às 19 horas.

S. U. da Construção Civil.—Secção dos *Pedreiros*.—Reúne a assembleia geral, amanhã, pelas 20 horas, para apresentação do balancete do 2.º semestre do ano findo e nomeação da comissão revisora de contas e outros trabalhos de importância.

Sindicato U. Metalúrgico.—Por caso de força maior fica transferida para amanhã quarta-feira, pelas 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Supressão do cargo de secretário geral; 2.º Preenchimento de cargos vagos; 3.º Nomeação do Conselho Técnico; 4.º Assuntos vários.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Trabalhadores Rurais de Borba.—Nomearam a comissão administrativa que ficou composta por António Paiva, secretário administrativo; João do Carmo Botas, secretário adjunto; Secretário de solidariedade, José Maria Canhão; secretário arquivista, António Maria Menino Douro; tesoureiro, Francisco Maria Pereira; Conselho Técnico, Alexandre Ramos, António José Malavado, Manuel Calhau, João da Silva, Manuel Bilro e José António Paiva.

JUVENUTDES SINDICALISTAS